

Afetos (auto)cartográficos: celebrando e movimentando o im(plica)do do DIFEBA/UNEB

(Auto)Cartographic affects: celebrating and moving the im(plica)do of DIFEBA/UNEB

DEYSIENE CRUZ SILVA¹, ANA LÚCIA GOMES DA SILVA²

Resumo: O presente ensaio propõe (auto)cartografar os afetos experienciados e que mobilizam as andanças acadêmicas no campo fértil da vivência dos afetos difebianos, junto ao grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA). Como objetivo central, tem-se a (auto)cartografia dos afetos vividos no movimento da pesquisa junto ao grupo DIFEBA e suas multiplicidades. É um ensaio de possibilidade teórico-metodológica da abordagem qualitativa de Dante Galeffi (2009) e do método (auto)cartográfico como um devir da filosofia da diferença de Deleuze (2006). O ponto de partida desse estudo provoca a questão: Quais os possíveis movimentos que o grupo DIFEBA implica na vida acadêmica dos/as seus/suas membros/as ao longo dos seus anos de existências e resistências? De imediato, compreende-se a partir da experiência (auto)cartográfica da primeira autora, o DIFEBA como pista de um movimento do afeto, que busca uma resistência cartográfica em um mundo não de representação da pesquisa, mas de compromisso com a pesquisa que territorializa, desterritorializa e reterritorializa o pesquisador e a pesquisadora, que tem a alegria de vivenciar o movimento do DIFEBA/UNEB, que passa por um lugar necessariamente de afeto difebiano e suas multiplicidades.

Palavras-chave: Afeto. (Auto)cartografia. DIFEBA/UFBA. Esperança Feminina e Negra.

Abstract: This essay proposes to (auto)map the affections experienced and which mobilize academic wanderings in the fertile field of the experience of Difebian affections, with the Diversity, Discourses, Training in Basic and Higher Education (DIFEBA) research group. The central objective is the (auto)cartography of the affections experienced in the research movement with the DIFEBA group and its multiplicities. It is a test of the theoretical- methodological possibilities of Dante Galeffi's (2009) qualitative approach and the (auto)cartographic method as a becoming of Deleuze's (2006) philosophy of difference. The starting point of this study raises the question: What

¹ Professora da UNEB, campus XVII. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC) da UFBA. Estagiária de doutoramento no DIFEBA/UNEB. E-mail: csdeyse@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6564-8690>

² Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus IV, Jacobina; docente permanente do Curso de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), UNEB, Jacobina; Líder do grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (Difeba). É Sócia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. Vice-coordenadora da Rede de Pesquisa da Profissão Docente - REPPOD. E-mail: analucias12@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3880-3322>;
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2930871385446150>

possible movements does the DIFEBA group imply in the academic lives of its members over the years of its existence and resistance? Immediately, based on the first author's (auto)cartographic experience, DIFEBA is understood as a clue to a movement of affection, which seeks cartographic resistance in a world not of research representation, but of commitment to research that territorializes, deterritorializes and reterritorializes the researcher, who has the joy of experiencing the movement of DIFEBA/UNEB, which necessarily passes through a place of Difebian affection and its multiplicities.

Keywords: Affection. (Auto)cartography. DIFEBA/UFBA. Female and Black Hope.

Pistas iniciais

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossamos dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendre novos espaços- tempos, mesmo da superfície ou volume reduzidos. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita- se ao mesmo tempo de criação e povo (Deleuze, 2000, p.218).

A centralidade deste ensaio é pautar (auto)cartografia dos afetos vividos no movimento da pesquisa junto ao grupo DIFEBA e suas multiplicidades a partir da possibilidade teórico- metodológica da abordagem qualitativa de Dante Galeffi (2009) e o método (auto) cartográfico como um devir a partir da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari (2016).

É um movimento que, como pista inicial teremos a aproximação com o que Diniz e Gebara (2022) apontam como “esperança feminina”, que tendo a compreensão dos feminismos, no plural, as autoras defendem a ideia de uma luta pela igualdade de gênero que enfatize a solidariedade, a inclusão e a construção de coletividades.

E também, inegociavelmente, a aproximação com o que aprendi e aprendo com a minha professora de desobediência e militante feminista, antirracista e anticapitalista, Tânia Palma, quando ela afirma que a “esperança precisa ser feminina e negra”, pois, não é só a igualdade de gênero, mas também a proporcionalidade de gênero, o combate ao racismo estrutural e as desigualdades sociais que pode promover porvires efetivamente inclusivo e representativo - “As iniquidades no Brasil, na vida, precisam ter o enfrentamento coletivo e com nós,

mulheres pretas e desobedientes, pois, nada sobre nós, para nós, sem nós”, afirma Tânia Palma (2020).

Nesse viés, o afeto encontrado e vivenciado no grupo DIFEBA, em suas aproximações ontológicas, epistemológicas, filosóficas e ético-políticas, são movimentos de “esperanças femininas e negras”. Afeto é tomado como política de amizade que aposta, como sugerem Deleuze (2000) e Foucault (2000), numa troca em que a cooperação não é mercadológica, não deixa assujeitar a subjetividade, nem ser capturada pela competitividade. Defendemos, pois, outros modos de pesquisar em educação; no DIFEBA concebemos como comunidade científica tecida coletivamente, e há afetivamente e efetivamente uma leitura entre pares dos nossos textos de pesquisa numa cooperação que nos ensina a trabalhar em conjunto, no esforço de realizarmos o apagamento dos egos, a fim de enxergarmos as potencialidades e não a falta.

Tarefa nada fácil, mesmo agenciada de modo a ter adesão de todas as pessoas do DIFEBA, nem todas as pessoas se tocam, se afetam, se permitem esta aventura de abrir-se para a responsabilidade ética, inspirada em Luiz Fuganti (2014) em artigo publicado na “Revista Brasileira de Ciências Criminais”. 1 - O autor destaca que a ideia de responsabilidade com a imagem que dela fazemos, isto é, como a imaginamos na medida em que seu sentido resulta das afecções de nossos estados de corpo e consciência, os quais se produzem em nós pelos encontros que efetuam a vida em sociedade e seus modos de relação que se inscrevem num triplo encadeamento: sensível, semiótico e afetivo; 2 - Pois uma coisa é pensar a noção de responsabilidade como um meio positivo de potencializar a vida e conquistar um modo ativo de existência, outra é tomá-la como uma ferramenta de controle da dimensão passional do vivo e empoderamento da vida separada de sua dimensão intensiva.

Outro conceito com o qual operamos neste texto ao (auto)cartografar experiência de imersão no DIFEBA, é a resistência. Esta, compreendida e anunciada no “Abecedário pedagógico sob rasura: educação e(em)diversidade” pelas organizadoras da obra, Ana Lúcia Gomes da Silva, Juliana Salvadori e Obdália Ferraz, como desafios ao exercício do pensamento, como nos convidam Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012) a “[...] fazer do pensamento e da arte

verdadeiras máquinas de guerra”, o que pode significar colocar em movimento práticas de resistência, intensificando-as, numa luta contra a fragmentação da realidade, que tem deixado de fora a continuação do mundo, os corpos como episteme, produzindo saberes e modos de existência diversos.

Nesse sentido, os autores nos falam de um pensamento que subverte regras em favor da vida. “Resistir é devir outro, é despertar o outro que existe em nós mesmos, como o impensado que existe no pensamento. Resistir é tornar-se estrangeiro, estranho na própria cultura, é devir-menor, tornar-se nômade, exilado, errante” (Levy, 2011, p. 137).

Nesse caminhar, faz-se necessário provocar que, apesar das questões de gênero e racial como centralidade dos movimentos de afeto difebiano, tratarei toda escrita no gênero feminino e masculino, também com teóricos e estudiosos não negros e negras, brasileiros e de outras regionalidades, provocando assim, uma organicidade cartográfica com o que Chimamanda Ngozi Adichie, em “Sejamos Todos Feministas”, Catherine Walsh, em “Pedagogia da Decolonialidade”, Bárbara Carine, em “Educação Antirracista” e Lélia Gonzales, em “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano” apontam sobre a importância de seguirmos tecendo os fios da luta por equidade e justiça de gênero e de combate ao racismo juntos e juntas.

Com isso, além de ser um ensaio (auto)cartográfico que (a)bordaremos com muitas linhas coloridas e afetos o posicionamento por muito tempo impossível na academia eurocêntrica. É um ensaio que parte do “autorize-se”, implicação defendida pela líder do DIFEBÁ/UNEB, Profa. Dra. Autor(a), quando com muito afeto, ecoa em suas orientações o “se autorize no Difeba e com o Difeba”.

Para tanto, além do convite que já inicio fazendo para você, leitor e leitora, que pode achar ser impossível encontrar na pesquisa científica o lugar de afeto, conhecer o grupo DIFEBÁ e, ter a certeza que o “autorize-se” é o primeiro movimento permitido a pensar e viver uma (auto)cartografia na primeira pessoa com a possibilidade múltipla de entradas na pesquisa com afeto e, filosoficamente, diferente de tudo que já vivi na pesquisa ao longo de aproximadamente quatorze anos de pesquisadora. Coisas que os estudos cartográficos provocam por produzir alianças da ordem da filosofia da vida, ou

Afetos (auto)cartográficos: celebrando e movimentando o im(plica)do do DIFEBA/UNEB como nos ensina Luiz Fuganti (2025, p.13). A filosofia da diferença, também chamada de filosofia da imanência, pode ser descrita como uma visão de mundo e uma prática de vida que sabe, sente e experimenta que ao desejo nada falta, e que tudo depende da maneira como nós existimos.

Esta concepção conflui com a proposta da “esperança feminina e negra” um dos pilares epistêmicos da abordagem qualitativa de Dante Galeffi (2009) tem sua intenção prefigurada em não contrapor métodos ou fazer a apologia, mas sim, de investigar radicalmente a natureza do conhecimento humano, o que nunca pode garantir nenhum alcance definitivo. Assim, a pesquisa qualitativa não pode mais perder de vista a totalidade complexa do conhecimento estratificado e a necessidade premente do exercício e prática de novas formações de um saber relativo à sustentabilidade da existência humana em sua morada planetária.

Ainda desse modo, há na natureza da pesquisa qualitativa uma implicação com a subjetividade em si mesma, que é uma formação de ser individual, social e ecológico- cosmológica comum a todos os humanos, e é nessa perspectiva que esse ensaio de abordagem qualitativa nos leva à experiência a (auto)cartografia do afeto vivenciada no DIFEBA/UNEB como multiplicidade de pesquisa e de vida das pesquisadoras autoras deste texto.

Pressupõe, portanto, nesse ensaio, o método (auto)cartográfico que oa/as autores/as Silva e Vieira (2023, p. 17) definem como resultado da confluência das pesquisas pós- críticas e das “multiplicidades ou política das diferenças”. Ainda coadunando com os/as autores/as, identificamos aqui, a (auto)cartografia como uma insurgência que permite na academia que temos, a política do afeto, pois este, como um método, com uma força motriz, se ampara na processualidade.

A (auto)cartografia é para Silva como um olhar para si retrospectivamente e prospectivamente em um ir e vir de imagens, de fios, conexões e elos que vão forjando-me a professora-pesquisadora inquieta com a dimensão humana do ato educativo, atravessado pela dimensão ética e política da docência como prática social (Silva, 2003, p.64).

Assim, com o caminho pavimentado pela (auto)cartografia, busco me desnudar e me arriscar a exposição como “aprendente florescente” em processo permanente de aprendizados para a tentativa de espiralar a política do afeto que

o Grupo de Pesquisa DIFEBA/UNEB e suas polifonias reverberam como escutas, imaginações, acalento, memórias, recriações, celebrações, compartilhamentos, acontecimentos, desobediências, como (des)(re)territórios, investigações e, principalmente, deslocamentos e (re)alocamentos de posicionamentos como pesquisadoras no mundo e para o mundo da “esperança feminina e negra”.

Por fim, mas não menos importante, destaca-se neste ensaio a questão ética na perspectiva cartográfica da pesquisa que, a partir da ideia guattariana, é contrária ao machismo, da afirmação de uma vida de cuidado como uma força de abertura e capacidade de transformar-se com o outro.

Tedesco (2015) aponta que nas pesquisas cartográficas, considerando suas particularidades e dinâmicas da subjetividade nas pesquisas, a ética da pesquisa não é apenas uma questão de seguir normas e regulamentações preconizadas a partir de documentos que direcionam pesquisadores no acompanhamento das pesquisas que envolvem seres humanos, mas, é uma questão que envolve uma atitude ética em relação aos participantes e ao próprio processo de investigação.

Na (auto)cartografia aqui defendida, essa atitude ética pode ser compreendida como a posicionalidade das pesquisadoras, uma vez que, ao adotarem uma postura ética que considera as múltiplas dimensões da pesquisa e reconheça o papel da cartografia, como uma metodologia crítica e reflexiva, está provocando os devires e porvires que uma pesquisa de cunho (auto)cartográfico e que implementa a política do afeto na academia, pode revolucionar e ainda produzindo os consensos coletivamente.

Pistas (Auto)Cartográficas dos Afetos: Tessituras Possíveis no DIFEBA/UNEB

*“Eu não posso mudar o mundo
Mas eu balanço Mas eu balanço
Mas eu balanço o mundo[...]*
Juliana Linhares (2021)

É com muita alegria e esperar que inquieto-me a partir dessas pistas (auto)cartografias dos afetos como pavimentos para apresentar parcialmente a vivência como “aprendiz florescente” que me desnuda afetivamente e

efetivamente ao ser acolhida pela professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da UNEB e líder do DIFEBA/UNEB, Profa. Dra. Autor(a) Silva, como estagiária/pesquisadora no DIFEBA/UNEB.

Antes mesmo de (auto)narrar sobre a vivência como estagiária no DIFEBA/UNEB, faz-se necessário trazer aqui sobre meu encontro epistêmico com o DIFEBA/UNEB e sua líder, Profa. Autor(a), que se deu em um dos momentos mais difíceis dos últimos anos, o qual a sobrevivência era a maior das lutas, a pandemia do COVID-19. Em tempos de pandemia, quando tudo parecia incerto e perdido, eu com as aulas de doutoramento remotamente, buscando pistas cartográficas que pudessem colaborar para minhas ideias de cartas intergeracionais entre meninas, jovens e mulheres velhas do recôncavo, pesquisa inicial no doutoramento. Eis que os algoritmos do meu celular me levaram a uma live intitulada: “Lançamento do livro Profissão Docente no Piemonte da Diamantina: cartografias docente em construção”, no Youtube do grupo de pesquisa do DIFEBA/UNEB. Era uma live em homenagem à Profa. Autor(a) e o lançamento do seu livro *PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PIEMONTE DA DIAMANTINA: cartografias docente em construção* (2021) e, desde aquele dia em que apareceu para mim o DIFEBA/BA e a Profa. Autor(a), foi como um acontecimento conforme afirma Dante Galeffi (2023, p. 162) “é sempre uma experiência envolvendo seres que se dão conta de que participam do mistério do viver, do morrer e do renascer em séries infinitas de paradoxos corporais e incorpórais através da linguagem”.

Foi para mim esse renascer infinito, envolvendo paradoxos corpóreos e não corpóreos, podendo dizer ancestral, como inspira o símbolo africano Sankofa, que nos ensina a olhar para trás para refletir e aprender sobre a trajetória, e em trajetória, como trajetividade e não linearidade. Assim, conhecer e estar hoje, aprendendo diretamente nessa fonte de inspiração, me desloca e me aponta a multiplicidade.

Tendo esse encontro, ocorrem os reencontros, agora com a interlocução da colega e presente de doutoramento, Ma. Daniela (Dani) Dourado, na aula remota em tempos de pandemia, a qual me presenteou com os sorrisos que se confluíram. Na qualificação de Dani Dourado, ouço importantes sugestões que a

Profa. Autor(a) poetizou no trabalho da colega. Foi uma aula magna sobre cartografia. Após a qualificação de Dani, muitas conversas e trocas foram se tecendo, e Dani me encorajou a tentar uma aproximação com a Profa. Autor(a), agora, além de referência para nós duas, referência de cartografia para a linha 3 do PPGDC, “Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (in)formação”, linha que estou inserida como doutoranda. Oportunamente, após a coragem e o desejo, surge o Edital de estágio doutoral de curta duração PRPPG/UFBA.

Confesso que escrevi o plano de estudo e cheguei para o estágio doutoral com uma ideia contingencialmente formada, propondo escritas de cartas para pesquisadoras e escritoras feministas negras, prioritariamente baianas, que atravessam as pesquisadoras e pesquisadores membros do DIFEBA/UNEB como experiências (auto)biográficas. Foi então, que ao receber os planejamentos e cronogramas de atividades do grupo de pesquisa DIFEBA/UNEB para me alocar nas múltiplas entradas, compreendi que eu estava sendo prepotente e muito arrogante epistemicamente em achar que, em uma experiência de estágio doutoral de curta duração e alicerçando-me na (auto)cartografia, eu poderia propor uma ideia fechada.

Foi também num primeiro encontro on-line síncrono que a professora/supervisora Autor(a) me deslocou, apontando duas provocações iniciais. Foram elas: “quero que você se autorize” e “perceba que existem várias entradas nos planejamentos de atividades do DIFEBA/UNEB”.

Autorizar-se a partir da minha vicência corpórea nesse devir (auto)cartográfico afetivo é o que Autor(a) e Maynara Costa (2023) apontam como linha de fuga. Foi nesse entrelaçar do “se autorize” e “perceba que existem várias entradas nos planejamentos de atividades do DIFEBA/UNEB” que recorri a Deleuze e Guattari (1980) em seu livro “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia” para compreender as várias entradas do planejamento e proposta de estágio doutoral como linha de fuga:

Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas; a toca, neste sentido, é um rizoma animal, e comporta às vezes uma nítida distinção entre linha de fuga como corredor de deslocamento

e os estratos de reserva ou de habitação (cf. por exemplo, a lontra). Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre "ao mesmo". Um mapa é uma questão de performance, enquanto o decalque remete sempre a uma presumida "competência". [...] Se é verdade que o mapa ou o rizoma têm essencialmente entradas múltiplas, consideraremos que se pode entrar nelas pelo caminho dos decalques ou pela via das árvores-raízes, observando as precauções necessárias (renunciando-se também aí a um dualismo maniqueísta). Por exemplo, seremos seguidamente obrigados a "cair em impasses, a passar por poderes significantes e afetos subjetivos, a nos apoiar em formações edipianas, paranóicas ou ainda piores, assim como sobre territorialidades endurecidas que tornam possíveis outras operações transformacionais." (Deleuze e Guattari, 1980, p. 21-23).

Outrossim, a linha de fuga me permitiu ver as múltiplas entradas que a complexidade e a multiplicidade de conexões que um mapa e rizoma podem oferecer, na representação do planejamento e cronograma do grupo DIFEBA/UNEB. Foi um movimento que, apesar de tudo, permitiu a desvinculação de uma abordagem tradicional, eurocêntrica, fazendo emergir possibilidades outras de construção do conhecimento.

Foi, ousadamente posso dizer, um movimento processual de territorialização- desterritorialização e reterritorialização (T-D-R). Melhor afirmando, está sendo. E, em constante abertura e entrada espiralar de vivenciar. Para afirmar essa forma espiralar de ser- sendo nesse devir (auto)cartográfico afetuoso que implica uma "esperança feminista e negra" como já mencionei, o processo T-D-R se implementa, pelo espiralar da multiplicidade.

O processo indissociável do movimento T-D-R na minha imersão, ainda através de leituras referenciadas pela professora-supervisora nas atividades de estágio doutoral do DIFEBA/UNEB, permitiu-me assegurar meus interesses próprios em seguir com as cartas como dispositivos na minha produção de pesquisa de doutoramento, principalmente pelo lugar que este gênero textual ocupa na pesquisa como uma experiência matrigestora intergeracional da minha família materna, quando a minha avó materna, como uma das poucas professoras

leigas da cidade de São Felipe-BA, traduzia as cartas para os mensageiros da cidade e escrevia em casos necessários para envios de respostas.

Mas também, o processo de R-D-R como um ato, um ritmo, uma relação, uma ação, uma operação de linha de fuga, permitiu-me principalmente fazer a mobilização de seguir na proposta da carta como dispositivo intergeracional, mas aberta a vivência do estágio doutoral sem um plano engessado de escrita de cartas (auto)cartográficas.

Foi, inclusive, uma descoberta ao reler o plano de estágio após algumas leituras referenciadas pela Profa. Autor(a) - DIFEBA/UNEB, que percebi a (auto)cartografia como processo de desfazimentos das representações e modelos cristalizados de docências, de pesquisas por outros modos de habitar em devires e porvires, e assim, foi possível me abrir para que as multiplicidades da (auto)cartografia do afeto que o DIFEBA/UNEB implementa pudesse me atravessar, de forma muito afetiva e efetiva com as pesquisas cartográficas e (auto)cartográficas, vivendo a subjetivação na construção do processo de doutoramento.

231

A POLÍTICA DO AFETO DO DIFEBA/UNEB: um agenciamento multirreferenciado

*“Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade[...]*
Ivone Lara (1990)

É possível iniciar essa pista reflexiva com Ivone Lara e sua música “Sorriso Negro”, fazendo uma analogia à “esperança feminina e negra”. Essa pista-capítulo nos convida a um conceito que reverbera nas linhas escritas em todo esse ensaio e, principalmente, nas multiplicidades possíveis da vivência aqui (auto)narrada. A política do Afeto vivenciada no DIFEBA/UNEB é uma confluência que atravessa todas as pessoas que têm o privilégio pulsante de viver a alquimia dos corpos através de atividades do DIFEBA/UNEB.

Pode-se afirmar nessa confluência que a alquimia dos corpos transforma emoção em algo propositivo e construtivo e, para tanto, pode-se ancorar em

Suely Rolnik (2002), que afirma que as sensações que atravessam o corpo na sua relação com o mundo, uma ação a mais que o campo subjetivo não é capaz de compreender. Ainda de acordo com a mencionada autora, as sensações superam a esfera da subjetividade na relação que estabelecemos com o mundo, é a esfera do “corpo vibrátil”, que ela aponta como uma dimensão desativada da subjetividade em razão do modo de vida vigente.

É um deslocamento subjetivo que Rolnik (2002, p. 270) denomina sensação:

Isso que se engendra em nossa relação com o mundo para além da percepção e do sentimento. Quando uma sensação se produz, ela não é situável no mapa de sentidos de que dispomos e, por isso, nos estranha. Para nos livrarmos do mal-estar causado por esse estranhamento, nos vemos forçados a “decifrar” a sensação desconhecida, o que faz dela um signo. Ora a decifração que tal signo exige não tem nada a ver com “explicar” ou “interpretar”, mas com “inventar” um sentido que o torne visível e o integre ao mapa da existência vigente, operando nele uma transmutação.

É importante fazer uma interlocução com Guattari (1980), que traduz a emoção/subjetivação de Rolnik (2002) como afeto, em função do agenciamento, que é um estado de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros, afirmam Deleuze e Guattari (1995).

O agenciamento se traduz em movimentos de agenciamento maquínicos de corpos ou maquínico de desejo e agenciamentos coletivos de enunciação, movimentos esses que vão associar o movimento do T-D-R, e assim produzir a multiplicidade. Essa multiplicidade produzida a partir do agenciamento no DIFEBA/UNEB, se efetiva por conexões, transformações, criatividade, aprendizagem, trocas, acolhimento, produção de conhecimentos, fluidez nas relações humanas rompe com estruturas rígidas de produzir conhecimento e faz surgir a multiplicidade como afeto. É no agenciamento que os processos dinâmicos de interação entre o social, cultural e individual se entrelaçam, permitindo novas possibilidades e práticas sociais emergentes.

O que é notório no DIFEBA/UNEB é que o agenciamento produzido pode ser de natureza corpórea ou incorpórea, pois desde as leituras referenciadas, pude ser afetuosamente atingida pelas entradas incorpóreas através dos textos cartográficos do DIFEBA/UNEB, e de forma corpórea na imersão alquímica, que ocorreu no evento acadêmico de celebração de 10 (dez) anos do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da UNEB, que oferta o Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) desde 2014.

Precisamente falando do agenciamento corpóreo vivido nos 10 anos do MPED/UNEB, é possível assegurar agenciamentos coletivos de enunciação como política do afeto, sinônimo de sensação de Rolnik (2002). Ainda buscando uma aproximação com a vivência no evento celebrativo e a política do afeto, faz-se lembrar que Guattari, como profundamente influenciado pelas ideias de Baruch Spinoza compreende o afeto como as afecções do corpo. Como encontros dos corpos cujas causas podem impulsionar a ação, ou ser inadequada, diminuindo sua ação. As transformações dos corpos são relativas às afecções das quais mudam o movimento dos corpos no mundo.

Nesse movimento, o afeto que se compreende aqui é como uma política ou posicionamento do DIFEBA/UNEB em sua multiplicidade, não se dão isoladamente pela liderança, mas por todas as pessoas que compõem o grupo. O afeto no grupo se dá a partir das variações contínuas da potência de agir do modo existente (Deleuze, 2002, p. 55). É no encontro dos corpos humanos que o afeto se multiplica em alianças, em arte, em músicas que configuram deslocamentos e ampliam o sensível em pesquisas que efetivamente transmutam os corpos e aumentam as chances em ter pesquisas como práticas sociais, demandantes de intervenções e, por conseguinte, são pesquisas que têm potências de vida que afetam todos os corpos atravessadas.

Estas pesquisas são concebidas como pesquisas engajadas e im(plica)das, como nos dobramos sobre nós mesmos nas pesquisas que realizamos? Quais plicas, pregas, dobras e franjas nos fazem realizar inflexões nas pesquisas que realizamos? Como as realizamos e como delas saímos? O que de inventivo realizamos nelas e que fazem diferença em nossas existências? São muitas as questões que emergem na pesquisa que, por ser implicada, se compõe como uma

pedagogia da implicância, em que pensar e agir é indissociável, não se reduz, mas sim envolve uma ética, uma ontologia no ato de pesquisar, pois nos liga à dimensão do ser, da cosmologia da vida e das forças que nos fazem existir eticamente, a fim de ampliar horizontes que criam realidades pelas pesquisas produzidas.

(Auto)cartografando em vivências, já destaco o encontro alquímico com as mulheres membros do grupo DIFEBA/UNEB e simpatizantes, todas mestrandas da turma 2024.1 do Mestrado do PPGED/UNEB, que mesmo sem me conhecer diretamente, além de muito afeto, foi de muita postura multirreferenciada. Para Terezinha Froes (1996, p.10), é uma postura que procura:

[...] penetrá-la para compreendê-la como uma construção humana, sócio-historicamente instituída é um dos ângulos do nosso compromisso. Contudo, não podemos nos limitar a isso, furtando- nos de tomar posição diante dessas diferentes sociedades, de seus respectivos diferentes estratos de cidadania; ‘não’ uma posição no sentido de [...] procurar reduzir a multiplicidade de seus modos de viver socialmente, de suas culturas, a uma insípida [e impossível] homogeneidade, mas no sentido de respeitá-los como diferentes, sem que isso signifique considerá-los como inferiores. Tomar posição diante desse instituído significa participar coletivamente da construção de projetos de (re)criação, (re)instituição, de sociedades plurais e autônomas em que acreditamos (Froes, 1996, p.10).

Foram posturas multirreferenciadas no afeto a ponto da turma ter me envolvido no seu primeiro reencontro de almoço depois do recesso, após o primeiro período do mestrado, estando na lembrança da turma para o evento celebrativo. E assim, assegura o quanto é a “Turma do aFÊto”, nome imediatamente intitulado por mim.

E a escrita propositadamente com uma provocação de múltiplas palavras em uma só escrita, nesse caso, a FÊ como um vocábulo que condensa o afeto traduzido à turma. Nesse sentido, é uma fé que ocasiona uma esperança por dias outros, melhores, podendo ser uma “esperança feminina e negra”. O encontro dessas mulheres comigo pode ser sim essa polifonia.

Um outro movimento (auto)gráfico registrado em meu diário de bordo e expressado aqui, foi a apresentação do grupo de pesquisa DIFEBA/UNEB em uma das mesas do evento. A apresentação foi realizada pela líder do grupo, a professora Autor(a). E na apresentação foi possível sentir o afeto que a professora, em suas andanças de quase dez anos desde a criação do grupo, propõe às pesquisas im(plica)das que geram processos de criações científicos, por meio de livros e coletâneas. Posso seguramente dizer como forma de transbordar esse afeto que me atravessa pelo DIFEBA/UNEB, que tenho todas as produções, e isso me faz rememorar o que Bell Hooks (2017, p. 103) afirma quando diz: “sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõe corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestre e guia, como meio para mapear as jornadas teóricas”.

Entre tantas outras vivências através do estágio no DIFEBA/UNEB, para ir tecendo proposições (in)conclusivas nesse ensaio, pois não há intenção e nem possibilidade alguma de (auto)cartograficamente concluir este pensamento, expressarei a vivência em que estive presente fisicamente, representando o DIFEBA/UNEB junto a outras colegas mestradas da Turma aFÊto, e da professora Ione Jatobá, parceira e codocente da Profa. Autor(a) no componente Laboratório de Prática e Pesquisa Educacional II (EDO₃₁ - Prática).

Neste dia, a professora Autor(a) e uma das mestradas e membro do DIFEBA/UNEB encontravam-se no XIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as - XIII COPENE, cujo tema neste biênio foi “A dimensão pública do racismo: desigualdades, reparação e equidade”.

Foi um reencontro de muita sinergia, como sempre, de muito acolhimento, escutas, imaginações, acalento, memórias, recriações, celebrações, compartilhamentos, acontecimentos, desobediências, investigações e, principalmente, deslocamentos e (re)alocamentos de posicionamentos multirreferenciados, portanto, uma viva e pulsante política do afeto. Foi um reencontro que reverberou as multiplicidades, de modo que foi possível conhecer ou reencontrar professoras feministas que se autorizam na militância acadêmica, o que muito me encanta, como foi o meu encontro com a Professora Maria Dalva Macêdo, que estuda mulheres da roça.

Não proposital, mas desejado, teve ainda o reencontro com a Professora Ione Jatobá, qual pretendo destacar nessa (auto)cartografia. A profa. Ione Jatobá, espelhada no meu olfato e de todos que a conhecem, com seu aroma próprio e com o seu óleo essencial que exala alegria. A Profa. Ione Jatobá numa tarde de terça-feira transduziu duas importantes pontuações para meu confuso e bem-vindo caminhar com o método (auto)cartográfico.

A primeira foi reverberar que a cartografia advinda da geografia é escolar e a cartografia de Deleuze e Guattari é método. E a segunda pontuação feita foi ecoar sobre a importância do diário de campo, e que a forma do diário é como cada pessoa deseja que seja, dialogando com a afirmação da Profa. Autor(a), ao nos estimular e pontuar o diário de campo como um dispositivo tão importante.

Isto foi extremamente importante, uma vez que sempre construí escrita de diário quando adolescente, apontando caminhos e aprendizados na adolescência e nas experiências de estágio, desde o ensino médio até hoje, neste estágio doutoral, ao chegar nas atividades vibráteis e que revolucionaram meus movimentos de inquietações, principalmente porque após ter conhecido a cartografia a partir do olhar de Dante Galeffi, e em seguida a poesia cartográfica que pulsa o “inédito viável” com a Profa. Autor(a), fico felizmente emaranhada nos fios rizomáticos, e assim, meio perdida, também insurgente.

Com esse movimento, meu desejo (auto)cartográfico era o de me inspirar, de perto, da Professora Autor(a). Para então pensar uma cartAgrafia intergeracional das mulheres velhas e suas professoralidades do recôncavo. E, o melhor de tudo é pensar que, consoante uma baianidade nagô, como canta a música, “eu queria que essa fantasia fosse eterna, quem sabe um dia a paz vence a guerra e viver será só festejar”, eu não me inspirei na professora apenas, mas nos afetos do DIFEBA/UNEB e em toda a ideia possível de se acolher, e assim, viver a multiplicidade acreditando em dias melhores, de esperanças femininas e negras e dos porvires de dias melhores, que seja ainda para gerações não insurgentes, mas, um dia... o será.

Assim, apesar de não afirmar porque seria muito ousado da minha parte, mas viver a (auto)cartografia nesse estágio doutoral, tem sido uma aproximação do “inédito viável” de Paulo Freire, quando na possibilidade do afeto difebiano, a

ideia de enfrentamento a uma educação bancária, seja ela formal ou não formal, a partir do afeto que vibra, que tem raça e cor, que tem gênero e enraizamento coletivo.

AFETOS DIFEBIANOS: pistas para uma esperança feminina e negra

*“Quando penso no futuro,
não esqueço meu passado.”*
Paulinho da Viola (1989)

Este ensaio não é um movimento tradicional que a academia espera, pois, tem pistas reflexivas sobre a (auto)cartografia que está (in)surgindo do afeto difebiano que vem tecendo e vibrando em mim, mas, principalmente não tem conclusões. Afinal, a cartografia como um rito de passagem nos permite, autorizamo-nos a criar rotas e pistas para desembaraçar fios, para puxar fios de outros fios e sempre permitir modos de conexão e de articulações rizomáticas de modo como “um processo que engendra, convida à aliança, conectividade, articulação e interrelação, e luta pela invenção, criação e intervenção, por sentimentos, significados e horizontes radicalmente distintos” como afirma Catherine Walsh (2016, p. 72).

Nesse caminhar, considero toda essa possibilidade de alianças, criações, reinvenções, resistências, um afeto, e que nesse ensaio (auto)cartográfico, abrir caminhos para lembrar que esses afetos “denominados” de afetos difebianos são celebrações e pesquisas efetivamente implicadas nas pesquisas e nos contextos epistemológicos, ontológicos e filosóficos.

Assim, essas palavras conectadas e geradoras de pistas (auto)cartográficas, são convites para conhecer o afeto difebiano que transgride, e em seus nove anos de existências e resistências cartográficas, permite um ensino, pesquisa e extensão de multiplicidades.

Referências

BURNHAM, Teresinha Fróes et al. *Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2012. 476 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 2.ed.rev.atual. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3*. Trad. Aurélio G. Neto, Autor(a) de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

FUGANTI, Luiz. Artigo publicado na Revista Brasileira de Ciências Criminais RBCCrim – ANO 22 – 109 – JULHO/AGOSTO 2014. Acesso em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/responsabilidade-etica-e-irresponsabilidade-moral/>

FUGANTI, Luiz. *O que é e o que pode a esquizoanálise?* www.escolanomade.org © Escola Nômade de Filosofia - todos os direitos reservados 2025. Acesso em 20.05.25.

GALEFFI, Dante Augusto. *Filosofar & educar 2: quando filosofar é educar*. Curitiba: CRV, 2019. 180 p. (Coleção: Filosofar & educar, v.2).

GALEFFI, Dante Augusto. *O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar*. In: MACEDO, RS., GALEFFI, D., and PIMENTEL A. Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 13-73. ISBN 978-85-232-0927-8. Available from SciELO Books.

GALEFFI, Dante Augusto. *O ser-sendo da filosofia*. Salvador: EDUFBA, 2001.

LEVY, T. S. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.p. 137.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo* / Suely Rolnik. - Porto Alegre: Sulina; Editorada UFRGS, 2011. 247 p.

SILVA, Autor(a) da; ABREU, Laís Oliveira. *Cartografia*. In: SILVA, Autor(a) da; SALVADORI, Juliana, FERRAZ, Obdália (orgs). *Abecedário pedagógico sob rasura: educação em diversidade*. Salvador, Alecrim, 2023.

TEDESCO, Silvia. *A Ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações* / Revista Polis e Psique. 5(2), 32-47, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.53952>

XAVIER, Giovana. *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

WALSH, Catherine. *Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais*. In: CANDAU, Vera. (Org.). *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 64-75.

Submissão: 29. 05. 2025 / Aceite: 20. 07. 2025